

Denise Luciana de Fátima Braz<sup>1</sup>

**A RESISTÊNCIA DE MOVIMENTOS  
SOCIAIS E FEMINISMOS NEGROS EM  
BUENOS AIRES: UMA CIDADE QUE SE  
CRÊ FENOTÍPICAMENTE BRANCA E  
CULTURALMENTE EUROPEIA**

***THE RESISTANCE OF BLACK SOCIAL  
MOVEMENTS AND BLACK FEMINISM IN  
ARGENTINA: A COUNTRY THAT BELIEVES  
ITSELF AS WHITE AND CULTURALLY  
EUROPEAN***

***LA RESISTENCIA DE MOVIMIENTOS  
SOCIALES Y FEMINISMOS NEGROS  
EN LA ARGENTINA: UN PAÍS QUE SE  
CREE FENOTÍPICAMENTE BLANCO Y  
CULTURALMENTE EUROPEO***

---

<sup>1</sup> University of Texas at Austin, email: [denisebraz@utexas.edu](mailto:denisebraz@utexas.edu).

## RESUMO

Neste estudo apresento a luta dos movimentos sociais afrodescendentes, tema central da minha pesquisa de mestrado e do feminismo negro em Buenos Aires, Argentina. Apresentarei suas principais reivindicações e tensões frente ao Estado, com informações atualizadas, já que minha tese foi finalizada em 2017. Para entender a luta desses movimentos será necessário conhecer o contexto histórico que criou o mito de que na “Argentina não tem negros” e os estudos acadêmicos que o desmistifica. Nessa arena de disputa destaco o florescer do feminismo negro e suas demandas, que não encontram espaço na agenda do feminismo hegemônico e nem do movimento afrodescendente. E concluirei analisando algumas “escrevivências” de “outridade” no cotidiano desse grupo.

**PALAVRAS-CHAVE:** história; invisibilidade; movimento social afro; feminismo negro.

---

## ABSTRACT

In this work I present the struggle of the Black social movements, a central theme of my Master's degree research, and of Black feminism in Buenos Aires, Argentina. I will present their main claims and tensions against the Government, with updated information especially to this work, once my thesis was completed in 2017. To understand the struggle of these movements it will be important to know the historical context that created the myth that “there are no Black people in Argentina” and the academic studies that demystify it. In this arena of the dispute, I highlight the birth of Black feminism and Black women's demands, that they do not find space in neither the political agendas of hegemonic feminism nor in the Black movements. I will conclude with an analysis of some “escrevivências” de “outridade” (autoethnographies of alterity) in the daily lives of Black people.

**KEYWORDS:** history, invisibility, Black Social Movement, Black Feminism.

---

## RESUMEN

En ese estudio presento la lucha de los movimientos sociales afrodescendientes, tema central de mi investigación en la maestría, y del feminismo negro en Buenos Aires, Argentina. Presentaré sus principales reivindicaciones y tensiones frente al Estado, con informaciones actualizadas especialmente para ese trabajo, ya que mi tesis fue finalizada en 2017. Para entender la lucha de esos movimientos será necesario conocer el contexto histórico que construyó el mito de que en “Argentina no hay negros” y los estudios académicos que lo desmitifica. En esa arena de disputa destaco el florecer del feminismo negro y sus demandas, que no encuentran espacio tanto en la agenda del feminismo hegemónico como en la del movimiento afrodescendiente. Y concluiré analizando algunas “escribivencias” de “otredades” en lo cotidiano de ese grupo.

**PALABRAS CLAVE:** história; invisibilidade; movimento social afro; feminismo negro.

## INTRODUÇÃO

Neste estudo apresento parte da minha pesquisa para a tese de mestrado realizada na área da Antropologia Social pela Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Buenos Aires, Argentina. Porém, especialmente para esse Dossiê, apresentarei informações atualizadas, já que minha tese foi finalizada em 2017 e defendida em 2018.

A decisão de fazer um mestrado em Buenos Aires nasceu após de uma viagem de férias à capital argentina e ao outro país vizinho, o Uruguai, no qual em poucas horas de barco pelas águas turvas do Rio La Plata, um rio que divide ambos os países, já se pode desembarcar em Colonia del Sacramento, uma cidade estilo Ouro Preto<sup>1</sup> banhada por esse enorme Rio. Entre outras cidades do roteiro estava Montevidéu, capital do Uruguai, onde percebi que havia entre Buenos Aires e Montevidéu uma nítida diferença com relação à presença de pessoas negras nessas capitais.

Um Rio separava muitas histórias e essa travessia na minha vida pessoal e acadêmica não teve mais volta. Mudei-me para Buenos Aires em 2013 para iniciar meu mestrado em antropologia social tendo como foco a historia afrodescendente no país. Não demorou muito e constatei que os negros/as sempre estiveram no país e não só isso, eles/as estavam organizados em movimentos sociais e organizações afrodescendentes. Por isso, ninguém melhor do que eles/as para responderem as muitas perguntas que vinha fazendo desde a minha viagem de férias.

Além dos relatos da própria comunidade negra, pude contar com algumas produções acadêmicas contemporâneas na área da antropologia e da história para ajudar a problematizar o contexto afrodescendente na Argentina<sup>2</sup>. Porém, destaco que *“não foi fácil desenvolver uma tese sobre o tema “afrodescendente”, porque a quantidade de trabalhos ainda é limitada e a maioria deles foi feita por investigadores brancos/as”* (Braz 2017 e 2018). Não quero aqui desvalorizar o trabalho desses investigadores, não é isso, mas não posso deixar de apontar o quanto o racismo estrutural e institucional excluiu corpos negros das Universidades mantendo nas margens as epistemologias negras nesses espaços de formação, que são também espaços de poder como afirma Silvio Almeida (2019).

Para academia branca, elitista e hetero-normativa a minha voz negra, re tinta, não como objeto de estudo, mas como sujeito negro, era uma novidade nessa Faculdade. Nesse palco de egos acadêmicos branco/a, pessoas com meu fenótipo, somos percebidos como “intrusos/as”, “subalternos/as”, “o/a outro/a” “aquele que está fora do seu lugar” (Hall 2006, Lander 2000, Lorde 1984, Kilomba 2019, Spivak 2014).

Foi realmente desafiante, doloroso e ao mesmo tempo potente superar as múltiplas experiências de racismos que passei como a única pessoa negra do mestrado e da Faculdade. Passei meus anos de estudo defendendo meu lugar de

<sup>1</sup> Cidade estilo barroco situada em Minas Gerais

<sup>2</sup> Ver bibliografia para conhecer a produção de alguns desses/as acadêmicos/as citados nesse trabalho.

fala e contra o necro-epistemicídio de intelectuais negros/as nos seminários que participei.

As experiências etnografias foram desafiantes, afinal, em campo eu estava desenvolvendo dois papéis, o de militante e o de pesquisadora. Como pessoa negra, mulher, pobre, ativista, acadêmica e migrante eu ali não era só uma estudante de um mestrado, alguém que vai observar o seu “objeto de estudo”. O “campo de estudo”, de certa forma me incluía porque na vida cotidiana pude não só presenciar, mas vivenciar na pele as mesmas opressões, também me via impactada pelo racismo estrutural e institucional no país.

Para que possam entender melhor o processo de luta da comunidade afro no país, primeiro apresento os perigos da história única como nos alerta Chimamanda Ngozi Adichie (2019), no qual, tratou de invisibilizar, negar e estrangeirizar a participação e o legado dos afrodescendentes nos relatos oficiais dos processos de formação do país. Não há como falar de militância afrodescendente em Buenos Aires sem antes recontar essa história desde a perspectiva negra e visibilizar esses discursos silenciados e ignorados que desmistificam a falácia de que na “Argentina não tem negros”.

Depois, destaco o florescer do feminismo negro<sup>3</sup> na capital portenha, uma vez que as ativistas viam suas demandas ignoradas ou colocadas em segundo plano dentro da extensa agenda de reivindicações dos movimentos afrodescendentes. Dessa forma, considerando raça e gênero como duas problemáticas sociais importantes como nos apresenta Kimberlé Crenshaw (2018) no seu estudo sobre a interseccionalidade.

Também me parece importante destacar o isolamento do corpo Queer negro dentro do movimento negro, dentro do movimento feminista hegemônico e muitas vezes dentro do próprio movimento LGBTQ+. São corpos negros, sujeitos de direito, que o conceito “interseccionalidade” não dá conta de integrá-los ou simplesmente os invalida como parte da luta do feminismo negro e também como parte da luta do movimento negro como argumenta Carla Akotirene (2019).

E por último, apresentarei alguns depoimentos de afro-argentinos/as e afrodescendentes nos quais desnudam a crueldade do racismo vivido na cidade de Buenos Aires. Todas as narrativas estão em primeira pessoa e obviamente essas publicações foram devidamente autorizadas pelas mesmas para serem analisadas neste trabalho. De qualquer forma é a primeira vez que ambos os depoimentos são publicados com objetivo de análise para exemplificar essas práticas racistas naturalizadas na Argentina.

---

<sup>3</sup> Ao longo do estudo, vamos refletir e problematizar algumas categorias étnico-raciais. Aqui, usarei como sinônimos a categoria afrodescendente e o termo negro/a. Ressalto que todo debate sobre o uso de categorias étnico-raciais realizadas na Diáspora latina e caribenha é um debate legítimo e necessário. Espero que este trabalho possa servir como ferramenta para enriquecer as reflexões em cada país.

## OS ARGENTINOS SÃO DESCENDENTES DE MUITOS BARCOS, INCLUINDO OS “NEGREIROS”. BREVE CONTEXTO HISTÓRICO



Foto1: Uma família afroargentina final do século XIX. Fonte: Biblioteca Archivo General de la Nación.

Os argentinos gostam de dizer que seus antepassados vieram em navios, referindo-se aos navios da colonização espanhola e os navios que chegaram da Europa depois da Segunda Guerra Mundial com os imigrantes europeus, especialmente os italianos. No entanto, é preciso considerar a chegada de outros navios, os navios negreiros, que também trouxeram uma grande quantidade de pessoas e de maneira ilegal.

A maioria dos argentinos desconhece a história da formação étnico-racial de seu país. Nas rodas de conversas geralmente o tema sobre antepassados que chegaram “nos navios” europeus aparecia, mas nunca, em sete anos vivendo no país, escutei ninguém mencionar sobre os/as bisavós e avós indígenas; e obviamente, silêncio absoluto sobre os antepassados negros/as.

De acordo com Grada Kilomba (2019), “uma sociedade que vive na negação, ou até mesmo na glorificação da história colonial, não permite que novas linguagens sejam criadas”. Na Argentina foi disseminada entre a população a ideia de um estado composto por uma “identidade branca”. Desta forma todas as demais identidades foram ignoradas, provocando o esquecimento a respeito da participação desses grupos étnicos na consciência histórica dos argentinos (Anecchiarico 2016).

O processo de invisibilização, estrangeirização e negação dos afrodescendentes na Argentina é ainda pior na capital, Buenos Aires, fruto de uma política de Estado exitosa que até nos dias atuais, mesmo como todos os esforços da militância afro, como veremos, ainda é muito comum a ideia equivocada de que “na Argentina não há negros”. Porém, essa ideia parte do princípio de que se não há negros/as é porque são todos/as brancos/as. Para entender o discurso cotidiano, especialmente em Buenos Aires, lhes apresento uma breve análise da história so-

bre a população afro-argentina.

De acordo com Andrews (1989) durante quase 300 anos houve uma presença ativa de africanos e de seus descendentes no território, o que gerou grande impacto social, econômico e cultural. O número de escravizados era tão grande que em muitas comunidades eles/as eram mais da metade da população. Então, o que aconteceu com esse grupo? De onde saiu o mito do “desaparecimento”?

Segundo Andrews, por volta do ano de 1853, logo depois da abolição da escravatura, foi sendo construída uma versão de “história nacional” na qual a contribuição dos afrodescendentes, indígenas e “não brancos” era negada e invisibilizada. Essa versão dos relatos históricos se agravou com a chegada da imigração européia no fim do século XIX e princípio do XX, pois contribuiu para construir e fortalecer uma identidade nacional branca, européia, moderna e, também católica e heterossexual. Por tanto para entender a diminuição desse grupo, alguns pesquisadores apresentam algumas das hipóteses mais conhecidas atualmente e que estão vigentes no discurso popular: a epidemia de febre amarela, as guerras e a mestiçagem<sup>4</sup>. Não nego que esses fatores tenham causado um descenso da população afro, mas não o seu “desaparecimento”, como muitos pensam e afirmam até hoje. Acredito que o censo foi o principal motivo para que se fixasse esse mito na mentalidade das pessoas.

Durante minha pesquisa pude analisar os censos de quando a região ainda era chamada de “Virreinato”<sup>5</sup>, pude observar nesses documentos as mudanças significativas das porcentagens. Aqui lhes apresento um resumo para que possam entender porque o censo é tão relevante.

No censo de 1778, a população africana e afrodescendente representavam um 37% do total. Nos censos de 1810 e o de 1837, não houve alteração dessa porcentagem, porém, no censo de 1887 a porcentagem de africanos/as e afro-argentinos/as caiu de uma média de 30% para 1,8%. Foi intrigante ver que em apenas 50 anos houve uma queda de mais de 26% na porcentagem de afro-argentinos. Para justificar tal resultado, alguns historiadores recorrem a mudança que houve nas as categorias étnico-raciais do censo de 1887, que passou a ter duas únicas categorias: branca e negra. Já os censos anteriores tinham as seguintes opções: índio, pardo, mestiço, zambo, moreno, mulato, negro, escravizado, alforriado e branco.

Dessa maneira, com a utilização de apenas duas categorias, negros/as e brancos/as, no censo de 1887 todas as pessoas que não eram fenotipicamente negras foram registradas como brancos/as. De acordo com Anecchiarico (2016) o discurso sobre a mestiçagem é um discurso das elites nacionais em concordância com os projetos de branqueamento da nação.

<sup>4</sup> Ver bibliografia: Goldberg 1976, Andrews 1989, Picotti 2001, López 2004, Frigerio 2006, Martin 2006, Maffia y Lechini 2009, Pineau 2009, Geler 2010, Anecchiarico 2016, Alvarez Nazareno 2019

<sup>5</sup> Virreinato refere-se tanto ao nome de um cargo laboral como para as divisões de territórios da colônia invadida pelo rei da Espanha, ou seja, “território do rei”. Os virreis e virreinas eram pessoas designadas pelo rei para que “governassem” em seu nome naqueles territórios invadidos. O tempo de “governo” dependia da boa relação entre as famílias com o rei. Com exceção do território brasileiro, que havia sido invadido por Portugal, todo o restante da América Latina era da coroa espanhola.



Com essas informações podemos entender e ver algumas explicações possíveis que justificam a desconcertante porcentagem de 1,8% no censo de 1887. Esse censo foi o último realizado no século XIX e acredito que esse resultado tenha fortalecido alguns mitos no imaginário popular até os dias atuais, o primeiro: “desaparição negra”, em seguida a ideia de que “somos todos brancos/as” e por último, “se não existe negros/as, portanto não existe racismo” (López, 2004).

Somente em 2010, quase 200 anos após o último censo do século XIX, foi que os movimentos sociais afrodescendentes conquistaram o retorno às estatísticas do censo populacional. E é esse trajeto de como as organizações afrodescendentes deram passos certos das margens em direção ao centro do debate político por políticas públicas, começando por uma reparação histórica no censo.

## CENSOS DE 2010

6 ¿Ud. o alguna persona de este hogar es afrodescendiente o tiene antepasados de origen afrodescendiente o africano (padre, madre, abuelos/as, bisabuelos/as)?

Si Indique el N° de persona:

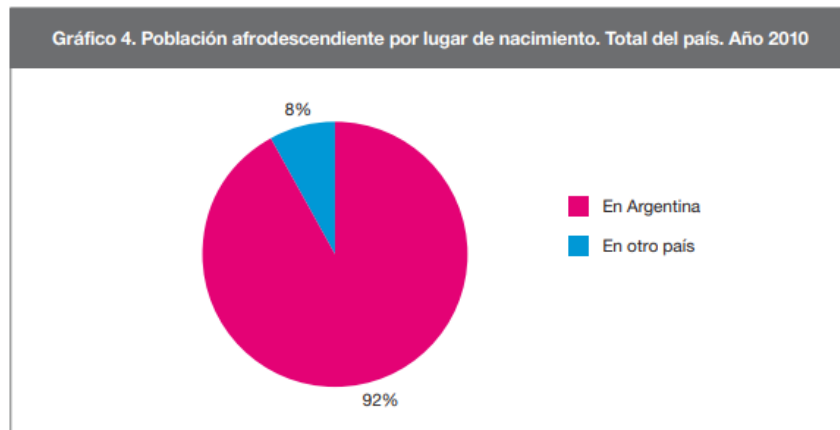
No

Ignorado

Foto 3: Página 01, pergunta num. 06 do questionário sobre a afrodescendência usada no Censo

De acordo com o censo de 2010, existem 149 mil afrodescendentes na Argentina. Os números apresentados nesse censo são muito importantes, porque abriram as portas para a conquista de algumas políticas públicas. Aqui chamo a atenção para um dado importante, a pergunta sobre a afrodescendência só saiu em 10% das pesquisas. No gráfico a seguir, os resultados do censo apresentam um dado muito importante. Ele indica que só 8% dos afrodescendentes censados não nasceram na Argentina, isso significa que a maioria é argentina, com o qual coloca por terra o discurso da estrangeirização da maioria da afrodescendência no país.

## Población afrodescendiente



Fuente: INDEC. Censo Nacional de Población, Hogares y Viviendas 2010.

Del 8% que declara haber nacido en otro país, el 84,9% lo hizo en el continente americano según el detalle que se expone a continuación:

Foto 4: Fonte INDEC. Resultado do Censo Nacional de População, Lares e Vivendas 2010

Sobre o próximo censo, tenho duas informações relevantes, a primeira é que a pergunta sobre a afrodescendência estará em todas as pesquisas. E há um projeto em andamento no qual tratam de conseguir uma campanha de conscientização sobre o tema a nível nacional. O objetivo principal da campanha é desmitificar e visibilizar ainda mais a presença afro-argentina no país. A segunda é que devido a crise causada pela pandemia do vírus COVID-19 que assola o mundo nos anos de 2020 e 2021, infelizmente, o Censo Nacional, que estava agendado para 2020, não poderá ser realizado respeitando assim as exigências da Organização Mundial de Saúde – OMS no combate à doença<sup>6</sup>.

Em um comunicado nas redes sociais, os movimentos afro-argentinos, afrodescendentes e africanos lamentaram o cancelamento do censo, porém entendem que a situação de prevenção da doença é urgente e extremamente necessária já que o COVID-19 tem contaminado e matado um número três vezes maior de pessoas negras em comparação com pessoas brancas em todo mundo, justamente porque a população negra está nas bases do sistema econômico, muitas vezes ilegais e ganhando os piores salários.

<sup>6</sup> O COVID19 é uma doença infecciosa causada pelo “coronavírus”, o vírus recebeu esse nome porque o seu aspecto lembra uma coroa. A doença surpreendeu o mundo em 2020 porque é uma doença que afeta o sistema respiratório levando o paciente a óbito muito rapidamente. Até o momento presente a doença a ciência mundial não há encontrado a cura. O principal tratamento preventivo tem sido o distanciamento social. Diante desse quadro vários países no mundo realizaram a quarentena evitando que as pessoas circulassem nas ruas e fechando todos os espaços públicos e privados, com exceção de supermercados e farmácias. Ainda assim, o número de mortes por COVID-19 é desalentador.



## MOVIMENTOS SOCIAIS AFRO EM BUENOS AIRES

Na Argentina os movimentos sociais afrodescendentes surgiram a partir de 1990 e suas principais reivindicações eram por inclusão, visibilidade e reconhecimento tanto na Capital Buenos Aires quanto nacionalmente. Uma luta que segue até os dias atuais na qual buscam legitimar a presença e o legado afrodescendente em todos os aspectos sociais, culturais, econômicos e político por meio da (re) construção mais justa sobre participação de afrodescendente na história do país.

A importância do surgimento desses sujeitos políticos que emergem como os “novos movimentos sociais” (De Souza Santos, 2001) podem ajudar a criar e a executar ações afirmativas com o objetivo de reparar não só o passado histórico da comunidade afro, mas também garantir oportunidades e possibilidades de maior inclusão na sociedade atual (López, 2012).

As migrações latino-americanas, caribenhas e imigrações africanas a Buenos Aires estimularam a luta da população afro-argentina como contra a xenofobia. Essas migrações ajudaram na criação e no desenvolvimento de uma agenda afro, que especialmente depois de Durban onde as discussões sobre o multiculturalismo borbulhavam, apesar de suas falências conceituais, o conceito no geral reconhecia a alteridade de outras culturas e povos e ajudou a engrossar o debate sobre afrodescendência no país com o objetivo de pensar, discutir e ver estratégias para conquistar políticas públicas para o grupo (Braz y González Batista, 2020).

A militância, atenta, percebeu que havia um ambiente político, nacional e internacional, favorável para construir um novo relato sobre a presença dos afro-argentinos, agora não como objetos passivos e sim como sujeitos da história e cidadãos/ãs de direitos<sup>7</sup>. O censo de 2010 é importante porque marca a inclusão do grupo na agenda política do Estado. A partir desse marco, a disputa por políticas públicas ganhou novo fôlego e os movimentos sociais afrodescendentes no país, sobre tudo os afro-argentinos, vão apresentar suas demandas e os anos seguintes tiveram conquistas fundamentais para a comunidade.

Uma dessas conquistas é a Lei 26.852 de 2013, essa lei contém cinco artigos no qual o artigo 2º institui o dia 8 de novembro como o “Dia Nacional dos/as afro-argentinos/as e da Cultura Afrodescendente”. Essa lei se chama Lei Maria Remedios del Valle<sup>8</sup>. Maria Remedios foi uma figura crucial nas lutas pela independência do país ao ponto de ser condecorada como a “Mãe da Pátria argentina”. Uma mulher negra.

<sup>7</sup> Faço referência ao período dos governos Kirchnerismo entre os anos 2003 até 2015.

<sup>8</sup> María Remedios del Valle, afro-argentina, a quem o General Manuel Belgrano lhe condecorou como Capitã e “Mãe da Pátria” por sua força, colaboração e estratégias no campo de batalha. Ela lutou em muitas guerras, especialmente aquelas que culminaram na independência da Argentina. Infelizmente, a sociedade argentina desconhece sua história. Nos últimos anos, devido a lei 26.852 que leva seu nome, a militância negra tem realizado uma série de atividades nas escolas e nas universidades e aos poucos vão conseguido recuperar sua memória.



Foto 5: Gisela Banzer, La Capitana - María Remedios del Valle, acrílico y lápiz color.

Infelizmente, sua história foi totalmente invisibilizada durante décadas. Desde o primeiro ano que a lei foi sancionada, o dia nacional afro é celebrado tanto em Buenos Aires como em outras cidades pelo país, contando ou não com a ajuda do governo.

Ressalto também o artigo 5º da mesma que exige que as escolas possam dar o devido lugar a presença, o legado e a participação dos afrodescendentes na história da conformação do país. Para garantir a qualidade das informações, os movimentos sociais produziram uma série de materiais bem diversos que inclui: cadernos didáticos, livrinhos de histórias infantis, vídeos e documentários. Todo material foi encaminhado para o Ministério de Educação com o objetivo de que esses pudessem ser inseridos como proposta no currículo escolar nacional, infelizmente isso nunca ocorreu.

No final de 2016 os movimentos afrodescendentes decidiram formar uma comissão para que de maneira coletiva pudessem articular melhor com o governo<sup>9</sup>. Apostando no poder do trabalho coletivo nascia a Comissão Organizadora do dia 8 de Novembro, um grupo que atualmente conta com a participação de mais de 30 movimentos afro-argentinos, afrodescendentes e também de africanos.

Considero a formação dessa Comissão uma estratégia muito bem-vinda. Nesse espaço todas as propostas são pensadas, debatidas e democraticamente

<sup>9</sup> Refiro-me ao governo de Mauricio Macri, 2015-2019.

acordadas. Obviamente o trabalho coletivo não é fácil, há muitas tensões, desacordos e desentendimentos, no entanto, o exercício está em justamente superar esses obstáculos internos e chegar a um acordo comum antes de apresentarem suas demandas nas reuniões com os funcionários do governo. A Comissão 8N, que em novembro de 2020 completará quatro anos de existência, está conseguindo estabelecer relações com o Estado que antes seriam impensáveis e provando uma vez mais que o trabalho coletivo, apesar de todas as dificuldades que isso implica, tem mais força, ganha mais credibilidade e consegue mais atenção do Estado.

Além disso, os movimentos negros em Buenos Aires esperam que ainda no marco do Decênio dos Afrodescendentes, que terminará em 2024, possam se concretizar o projeto que prevê a criação do Instituto Nacional de Assuntos Afro-argentinos, Afrodescendentes e Africanos- INAFRO (BRAZ, 2017). O objetivo desse espaço institucional é para que a Diáspora negra na região possa ter um espaço de contenção, apoio e resoluções efetivas. No projeto prevê que o instituto contará com espaço para reuniões, setores de contenção para Gênero e diversidades negras, migrações, educação, advocacia entre outros.

## FEMININOS NEGROS, NO PLURAL, (RE) FLORESCE



Foto 6: Créditos: Arquivo Área de Gênero.  
Greve geral e Marcha feminista. Dia 8 de Março de 2020. Tema: Vivas e sem dívidas nos queremos.

Eu gostaria de destacar o protagonismo das mulheres negras em todos os momentos importantes de luta da comunidade negra no país. Nesse processo de formação dos movimentos sociais em Buenos Aires, bem como em todo território, as mulheres não dão passos largos nessa trajetória, na qual muitas vezes foram obrigadas a desenvolver suas próprias ferramentas para dialogar com o governo e vencer as burocracias. É realmente inegável a potente colaboração das mulheres no interior dos movimentos sociais e organizações negras bem como

em todas as articulações nacionais e transnacionais da militância apresentados nesse trabalho.

No entanto, as mulheres negras perceberam que muitas vezes suas demandas não tinham espaço dentro do movimento afro e pior, o fator gênero como agravamento das opressões era ignorado por seus companheiros de militância. Além da tríplice opressão apresentada por Davis (2016), muitas ativistas no contexto argentino eram confrontadas também pela condição de migrante.

As mulheres negras perceberam que - para além da luta antirracista ao lado do homem negro - era necessário formar um espaço onde pudessem pensar suas atividades, trabalhar suas propostas de políticas públicas e pensar estratégias de participação no movimento feminista hegemônico. Essa dialética, muitas vezes desgastante, escancara a solidão da mulher negra nos espaços de militância e isso exige das integrantes sororidade e ao mesmo tempo autocuidado, tendo em conta que sororidade é ética e autocuidado é também militância (Braz, 2019).

Cabe lembrar que outras de nossas mentoras já expunham as várias formas de opressão que cruzam os corpos das mulheres negras muito antes da existência do termo “interseccionalidade” apresentado por Kimberle Crenshaw (2018), como por exemplo, Sojourner Truth, Angela Davis, bell hooks, Audre Lorde, Sueli Carneiro, Beatriz Santos, Neuza Santos Souza, Nilma Lino Gomes, Lélia Gonzalez e na literatura temos Maria Firmina dos Reis, Maria Carolina de Jesus, Conceição Evaristo, Victoria Santa Cruz, Shirley Campbell Barr e tantas outras autoras que debatiam e debatem as opressões interseccionais muito antes da existência do termo de Crenshaw.

Para o feminismo negro em Buenos Aires o ano de 2016 foi muito importante. Nesse ano as mulheres negras conquistaram por primeira vez um espaço de debate no 31º Encontro Nacional de Mulheres – ENM na cidade de Rosário, Província de Santa Fé. Essa vitória foi uma conquista de anos de insistência de nossas pioneiras, mulheres afro-argentinas, afro-guarani e afro-migrantes. Veja bem, era a primeira vez em 30 anos que as mulheres negras participavam desse importante encontro feminista a nível nacional.

Como fruto desses encontros nasceu a Área de gênero da Comissão Organizadora do dia 8 de Novembro. No entanto, hoje há uma explosão de movimentos feministas negro atuando em diversas frentes, na cultura, nos espaços acadêmicos, na área da medicina psiquiátrica onde o foco é a saúde mental da população negra, especialmente mulheres e jovens. Também na área do empreendedorismo suprindo as carências do mercado com produtos específicos para o cabelo afro, maquiagem e acessórios. Além de profissionais capacitados/as no cuidado do cabelo afro.

Com o empoderamento das mulheres negras, pensando o termo como analisa Berth (2019), as feministas começaram a desenvolver formas de decolonizar a participação das mesmas tanto dentro do movimento negro como no feminismo hegemônico. Obviamente as tensões entre os companheiros negros



começaram a surgir. Afinal, ainda que o homem negro assim como a mulher negra experimentam opressões relacionadas a raça, ambos não compartilham as mesmas experiências relacionadas a gênero, dessa forma o homem negro atua muitas vezes como sub-opressor de suas companheiras de militância, considerando o conceito “Sub-opressor” desde a perspectiva de Paulo Freire (1994).

O ativismo das mulheres negras em Buenos Aires convoca os companheiros dos movimentos sociais afrodescendentes a uma análise mais inclusiva exigindo dos mesmos uma postura política que vá mais além da raça. Dentro desse aspecto, há que se estabelecer reflexões nas quais possam integrar ao debate outras demandas presentes na Diáspora, como por exemplo, as dos LGBTQ+ negros/as, um grupo que é constantemente excluído e silenciado tanto pelo movimento afro, feminista e LGBTQ+. Ao mesmo tempo, vem encorajando jovens negros a repensarem suas masculinidades em encontros de formação a partir da leitura de autoras negras e conversas.

Essa nova primavera de rosas negras, parafraseando o título do livro, póstumo, de Lélia González, não aceita mais perder tempo e energia para refletir, apoiar e reivindicar qualquer tipo de política pública sem que estas, de alguma maneira, possam impactar positivamente em suas vidas porque compreende que dentro do sistema capitalista cisheteropatriarcal a mulher negra ainda é o grupo mais vulnerável da pirâmide social, mas o feminismo negro da capital está motivado a mover as bases dessa pirâmide.

## “OUTRIDADES” E OUTRAS “DESSEMELHANÇAS”: RELATOS DA VIDA COTIDIANA

*“De onde você é?”*

Essa pergunta não nasce de uma curiosidade, ela nasce de uma construção equivocada de que na Argentina, especialmente em Buenos Aires, não há negros/as, portanto, aqueles que ali estão são todos/as migrantes. Todos os/as afroargentinos/as cresceram escutando essa pergunta por que são vistos e tratados como estrangeiros em seu próprio país, ou seja, como sujeitos negros/as eles/as passam a ser o “outro/a”, “o diferente”, “o intruso”, “o de fora” ou aquele que está “fora do seu lugar” (Hall 1996).

Kilomba (2019) relata situações similares vividas por mulheres afro-alemãs a partir da mesma pergunta acima, na qual ela afirma que as novas formas de racismo são percebidas através da ideia de incompatibilidade entre raça e nacionalidade. A autora argumenta que a pergunta em si já apresenta uma relação de poder entre quem está sendo questionado e deve explicações, o “exótico”, daquelas/as que interrogam, questionam, fiscalizam e controlam.

Em Buenos Aires, pessoas negras são vistas como “exóticas”, a justificativa usada é que ser “exótico” é ser “diferente”. Essa narrativa apresenta o sujeito branco como padrão, a norma, o certo e os não brancos como os “outros”, o diferente, o anormal, o estranho. A todo o momento, pessoas racistas se dirigem a corpos

negros com o olhar do não pertencimento e essa violência é motivada por um sentimento de “Outridade” e “dessemelhança” como analisa Kilomba (2019).

Apresento alguns depoimentos narrados por afro-argentinos/as e afro-descendentes nos quais desnudam a crueldade do racismo vivido na cidade de Buenos Aires. Todos os depoimentos foram devidamente autorizados pelas responsáveis para serem analisados neste trabalho. De qualquer forma é a primeira vez que ambos são publicados com objetivo de análise para exemplificar essas práticas racistas naturalizadas.

Elegi não traduzir os mesmos, primeiro porque considero que em toda tradução há perdas, depois porque o idioma é espanhol, um idioma que já deveria fazer parte do nosso dia-a-dia, levando em consideração que somos o único país da América Latina e do Caribe que fala português e por último porque não me senti confortável e menos ainda no direito de traduzir sentimentos tão fortes de indignação e de dor usando talvez uma palavra que, dentro da minha interpretação, poderia suavizar essas emoções. No entanto, fiz algumas esclarecimentos de algumas palavras e expressões coloquiais.

#### Testemunho I: “*La gran cubana*”

Narrado por Carmen Yannone Lamadrid. Afro-argentina, 70 anos, atriz, bailarina de rumba e candombe<sup>10</sup>, feminista e integrante do *Teatro Ensépiá* que integra a Comissão 8 de Novembro<sup>11</sup>.

“Me han pasado muchas cosas. No solo hablo de las discriminaciones continuas y constantes. Primero de que no soy afroargentina para la gente porque para ser negra tengo que ser o brasileira o de Cuba o de Montevideo porque era los lugares donde que ellos creen que hay negros. (...) Yo trabajé mucho en todos los boliches [boates] de Buenos Aires bailando el candombe y la rumba argentina, que es similar a la rumba cubana. Entonces, cuando yo iba decían que era cubana y me presentaban como “*la gran cubana*” porque ahí ellos no tenían que decir que yo era argentina. Incluso me pasó una vez en un boliche que me preguntaron: “*Usted de dónde es?*” Le digo: “*Yo soy argentina.*” Me dice: “*No, no, no. Usted tiene que decir que es brasilera.*” “*Pero cómo voy a decir que soy brasileira si no sé hablar [português]*” “*Bueno, entonces digas que eres cubana.*” (...) eso le daba más margen al boliche, cuando alguien trae una figura extranjera, aunque aquí [em Buenos Aires] no sea mucho conocida, por ahí en Cuba sí y bueno. Siempre me tocó eso, de tener de ser extranjera en mí propio país.

#### Relato II: “*Pelé*”

Narrado por Alí Emmanuel Delgado. Afro-argentino, 33 anos, finalizando o curso em Direito administrativo pela Faculdade de Direito da Universidade de Buenos Aires – UBA. Ativista antirracista, membro da *Agrupación Xangó* que inte-

<sup>10</sup>O candombe surgiu com os africanos escravizados na época do Virreinato do Río de la Plata, hoje Argentina e Uruguai, era uma forma de dança mas também um meio de manifestar e guardar sua religião. Não se sabe de qual país africano se origina o termo. Hoje em dia, o ritmo é formado por três tambores, “chico, repique e piano”, em espanhol. Esses percussionistas compõem as comparsas que são como nossas escolas de samba e o candombe o samba-enredo, porém sem letra. Há personagens que fazem clara referência a religião de matriz africana, tais como “a mamãe velha e o papai velho,” que podem ser relacionados como a uma mãe e um pai de santo. O “mago”, que é como um curandeiro, responsável por “afastar as más energias” para a comparsa passar. E estão também presentes as “vedetes”, como as nossas passistas. Em 2009 a UNESCO o declarou como Patrimônio Imaterial da Humanidade.

<sup>11</sup>Instagram: @carmenyannone



gra a Comissão 8 de Novembro<sup>12</sup>.

“Cuando yo era un nene tipo 6 años más o menos, me acuerdo que estaba esperando el colectivo con mi papá en una parada (...) en la Provincia de Buenos Aires. Frenó un colectivo y un muchacho - que lo veo hoy racializado - abrió la ventanilla y hizo el ruido este de inspiración mucosa propio de quien va a escupir y escupió en mi papá en la cara y le dijo: “*volvete a tu país Pelé*”. El colectivo arrancó, mi papá se limpió la cara y no hizo nada.”

Nos relatos acima, ambos narrados por afro-argentinos, é explícito a estrangeirização nas narrativas. No primeiro quando Carmem lhe diz “soy afroargentina”, ela desmente a falácia: “aquí não há negros/as”. Ela diz em alto e bom tom: “sou negra e argentina”, “esse também é o meu país” e mostra que não é “a de fora” e menos ainda está “fora do seu lugar”.

Num ataque de colonialismo branco e patriarcal, esse homem ignorou a verdade dita e colocou Carmem uma vez mais no lugar de “outridade”. No seu imaginário ela não poderia existir sendo negra e argentina. “No, no, no. Usted tiene que decir que es brasilera”, “(...) entonces digas que eres cubana.” Nessas frases o entrevistador demonstra a necessidade de retirar de Carmem sua nacionalidade e ao mesmo tempo de seguir com a manutenção de um discurso étnico-nacional mentiroso. Carmem foi silenciada e novamente estrangeirizada. Durante seu delírio colonial, ele começa a fantasiar outras nacionalidades para Carmem, nas quais ele acha que ela deveria pertencer, obviamente teve um olhar hiperssexualizado, não é menor suas opções, brasileiras e cubanas. Mulheres negras têm seus corpos constantemente invadidos graças a esse olhar hiperssexualizado, especialmente de homens brancos, já que para a maioria deles, mulheres negras não passam de um fetiche, de uma diversão.

Há uma série de fantasias do branco sobre a figura do negro/a “exótico/a”, geralmente, todas relacionadas ao “selvagem”, ao “primitivo” porque na verdade há implícito o desejo do branco de dominação, de disciplina, de controle, especialmente sobre os corpos das mulheres negras, onde sempre houve interesse em controlar sua sexualidade, sua fecundidade, sua liberdade epistemológica e econômica.

Já no segundo, Ali diz que um “*muchacho*” foi o agressor de seu pai. No racismo, pessoas negras são infantilizadas, inferiorizadas e despidas de sua humanidade ao ponto de um adolescente ou jovem “branco” sem o menor pudor se sentir no direito de realizar tal agressão a um senhor na frente de seu filho pequeno. O racista olha para o corpo negro como um corpo “permissivo” no qual ele se sente livre para invadir com qualquer tipo de violência bárbara.

Nessa cena terrível, o “*muchacho*” se vê racialmente superior ao pai do Ali e essa superioridade remete às relações hierárquicas coloniais por recorte de raça, embora o conceito de raça tenha “caído” no século XX, o racismo, nada mais é que a manutenção diária desse conceito, já que na prática o racismo nunca perdeu força ou entrou em desuso. O interessante é perceber que Ali, anos depois, vê o agressor de seu pai como uma pessoa racializada, ou seja, “não branca”. Essa observação do narrador é importante porque ela mostra que a ideia de “*somos todos*”

<sup>12</sup> Instagram: @afroargentino\_x

*brancos/as*” deu certo como aponta López (2004).

E dentro desta fantasia do “aquí no hay negros” esse negro só pode ser estrangeiro e ele faz uma referência à nacionalidade brasileira ao chamá-lo de “Pelé”. A xenofobia no território é outra opressão a se destacar. O agressor associou raça e migração, o que talvez possa ter potencializado sua violência. O insulto: “*volte para teu país*” revela que migrantes, especialmente negros/as, não são bem-vindos no país. No caso do pai do Ali que é o mesmo de Carmem, seu pertencimento nacional foi uma vez mais violado pelo fato da sua cor, é visto como um “dessemelhante” ou com “outridade” em seu próprio país Kilomba (2019).

O cuspe sempre foi uma agressão muito violenta e infelizmente é uma violência frequente nas ruas de Buenos Aires. Eu mesma já fui vítima de duas cuspidas. Dessa maneira, eu entendo bem a reação do pai de Ali ao não conseguir reagir, “*(...)mi papá se limpió la cara y no hizo nada.*”

As ações racistas são marcadas também por sua covardia, nas quais os agredidos são mais vulneráveis ou estão desprevenidos e por isso muitas vezes não conseguem responder, reagir a violência, na hora pelo menos.

A solidão dessa cena me chama a atenção e me entristece profundamente, um ponto de ônibus geralmente nunca está vazio e se houve mais alguém na cena, ninguém fez nada. Já dentro do ônibus, se esse “*muchacho*” foi repreendido, nunca saberemos, porém vale dizer que expectadores são coniventes e o silêncio deles contribui para a manutenção dessas práticas racistas naturalizadas na cidade.

### Relato III: “*Se armo el Quilombo*”

Narrado por Bruna Stamato, 38 anos. Afro-brasileira natural do Rio de Janeiro. Pesquisadora em temáticas de gênero e relações étnico-raciais; ativista afro-feminista e integrante da organização *Tertulia de Mujeres Afrolatinoamericanas - TeMA*<sup>13</sup>

*Hoy me tocó a mí: el racismo y la xenofobia cotidianos*

- *Sos venezolana?*

- *No.*

- *De donde sos?*

*(ya harta de contestar la misma pregunta de siempre y sin ganas de seguir la charla con el desconocido)*

- *.....*

- *Pero de donde sos? (insistente, invasivo)*

- *No le voy a decir*

- *No me vas a decir por qué sos contrabandista? (CONTRABANDISTA!!!)*

*Señor, usted me está faltando con el respecto. No soy obligada a decirle de donde soy, estoy yendo a laburar como cualquier uno acá (por qué tengo que ser tan paciente, explicarle lo obvio?!)*

*Listo, se armó el lío en el bondi. Y en este caso también quilombo, porque lo que estuve haciendo allí fue resistencia (quilombo es resistencia, no lo olvidemos eso y no banalicemos la palabra). La resistencia del cuerpo negro migrante ante el machirulo [homem opressor] racista xenófobo. El tipo empezó a “defenderse”, porque claro, la equivocada era yo. Mujeres se solidarizaron conmigo, reforzando mi argumento de que yo no estaba obligada a contestarle nada (lo obvio, siempre lo obvio, por qué no entienden lo obvio??).*

<sup>13</sup> Instagram: @brustamato

*Yo ya de pie, con lágrimas en el rostro, repitiendo una y otra vez que todo aquello era violencia, racismo, xenofobia. Y todo eso empezó porque el tipo supuestamente quería sentarse en el asiento donde yo estuve sentada por no más de dos minutos. Y claro, nunca lo había solicitado, su acercamiento fue siempre desde su lugar de macho-blanco-dueño-del-espacio, como si aquel lugar fuera de él por derecho (divino?). Pero nada de eso era por el asiento. No nos dejemos engañar. Toda la situación tiene un fondo racista y xenófobo muy latente en estos tiempos. Adivinen quien era la única negra de todo el colectivo colmado de gente yendo a laburar? Racismo naturalizado que nos hiere, nos enferma, que nos mata.*

*Lo rescatable de todo eso? Las pibas [mulheres]. Que alzarán sus voces junto a la mía, que tenían lágrimas en los ojos así como yo, que se preocuparon si yo estaba bien para seguir mi camino y si tenía plata para tomarme otro colectivo (porque tuve que interrumpir mi viaje por un racista de mierda). Una de ellas me dijo que acá también es mi lugar. Y tiene razón. Aunque se durísimo vivir acá. Es el mío (si yo así lo desear) y de cualquier otro migrante, negro/a, originario/a, cualquier cuerpo racializado que ya vivía acá antes de la colonización, que fue traído forzosamente para ser mano de obra esclavizada, o que migró en los últimos tiempos en busca de una vida mejor.*

*Resistiremos. Unos días más fuertes, otros más fragilizados/as, días en que necesitaremos abrazos sanadores (como los de mis amigas hoy cuando llegué al trabajo llorando). Pero resistiremos, tirando abajo ese patriarcado-racista-xenófobo-clasista-lesbo-bi-trans-odiador. No es fácil, no será fácil nunca. Prácticas estructurantes de la sociedad, como el racismo, son difíciles de desarmar, aún más acá en la Argentina que es tan naturalizado. Pero no llegamos hasta acá sin lucha y sin resistencia, y no es ahora que eso cambiará. Racistas e xenófobos não passarão!"*

A última narrativa, contada por Bruna Stamato, acontece dentro de um ônibus lotado, de trabalhadores com certeza, no horário da manhã. Bruna relata que um homem branco, que não é um dado menor, se vê no direito de perguntar e de especular sobre sua origem: "Sos venezolana?(...)De donde sos?(...) Pero, de donde sos?". Dessa vez, o opressor pensa que Bruna é de Venezuela e não do Brasil como nos casos anteriores. A insistência revela muito mais que uma simples curiosidade, ela quer indicar que Bruna era a "dessemelhante" naquele contexto e seu corpo negro revelava uma "incompatibilidade" aos olhos do opressor.

Uma vez mais percebemos que "raça e territorialidade" são usadas como indicadores dessa diferença e elas serviram de ferramentas para que esse homem branco adulto no seu atrevimento colonizador se sentisse confortável para abrir um interrogatório a uma mulher negra adulta, dentro de um transporte coletivo cheio e do nada. É realmente incrível perceber o quanto a branquitude racista observa pessoas negras e exige justificativas de sua presença em "seu território".

A ideia do negro "exótico" fervia em sua imaginação racista, lhe causava curiosidade e desconforto. Ele queria ouvir uma história selvagem ou primitiva sobre a "travessia" de Bruna até ali, porém frustrado com sua resposta negativa, ele então a revela um dos seus delírios e lhe pergunta: "No me vas a decir por qué sos contrabandista?". Essa pergunta além de racista, claro, ela demonstra exatamente essa fantasia surreal em relação aos corpos negros, foi um delírio tão fora da realidade que a própria narradora fez questão de marcar no texto seu espanto, (CONTRABANDISTA!!!).

Destaco que ele não afirma, ele segue no interrogatório, esperando que Bruna pudesse confirmar seus delírios dignos de uma internação psiquiátrica. Sobre esse aspecto Kilomba (2019) argumenta:

*"As pessoas se aproximam para perguntar de onde ela é porque têm prazer através da exposição da Outridade. (...) "elas querem ouvir uma história muito exótica", na qual suas fantasias sobre a/o "Outro/a" re-*

mota/o são revividas. Esperam que [a/o interrogada/o, neste caso Bruna]<sup>14</sup> provoque prazer. Impacientemente, pergunta após pergunta, suas/seus espectadoras/es procuram pelo “paraíso”. (...) Elas/es continuam perguntando até que uma história fabulosa e exótica seja contada.” (Kilomba 2019, p.118)

Obviamente, na pergunta está presente a criminalização do corpo negro e do migrante. A ideia de que são os migrantes que desenvolvem atividades ilegais, de que eles próprios estão ilegais, que desestabilizam a segurança do país, que são preguiçosos e só querem usufruir dos recursos públicos é um discurso racista e xenófobo presente em muitos países do mundo. Me pego pensando no quão perigoso pode ser essa construção do “exótico” no imaginário branco racista colonizador. Quantas pessoas negras já foram vítimas de algum tipo de violência e até mesmo assassinadas devido a essas fantasias, a esses delírios racistas?

Após escutar tal comentário Bruna se indigna e narra sua reação e das demais pessoas que aparecem na cena usando duas palavras “*lío*” e “*quilombo*”. Infelizmente, na Argentina, ambas as palavras são comumente usadas para expressar: desordem, bagunça, baderna, confusão, lugar promíscuo, de lugar sujo ou lugar com mau cheiro. Bruna não deixou por menos e antes de seguir com sua narrativa fez questão de separar “o joio do trigo” abrindo um parêntese para explicar o que de fato é fazer e ser “quilombo” dizendo: “*quilombo es resistencia, no lo olvidemos eso y no banalicemos la palabra*”. E completa que naquele momento era também “*La resistencia del cuerpo negro migrante ante el machirulo [homem opressor] racista xenófobo*”. E onde há opressão há resistência e a própria opressão cria as armas para resistir (Kilomba, 2019).

Não posso deixar de comentar o incomodo que sentia ao escutar a palavra “quilombo” nesse tipo de conotação. É algo realmente perturbador. Sempre procurava corrigir e tirá-la desse contexto. Geralmente as pessoas se surpreendiam ao ouvir o que foi um quilombo e seus significados simbólicos na luta afrodescendente. O racismo linguístico é algo naturalizado na Argentina. É uma problemática que há muitos anos recebe atenção dos movimentos sociais afro e agora com as redes sociais espera-se aproximar esse debate de mais pessoas.

Já falamos aqui que uma das ações racistas mais comuns é a do “colonizador branco que tem o poder da palavra”, ele é quem pergunta e o “dessemelhante” deve responder, explicar e justificar. Porém quando o oprimido se rebela e enfrenta essa figura opressora, geralmente os racistas reagem de maneira infantilizada, justificam a ação como um gesto “inconsciente”, uma “brincadeira”, algo sem maldade e inocente como bem explica Moreira (2019). Mas há também os que invertem os papéis projetando na vítima a culpa quando percebem que sua ação foi vista como inapropriada por seu próprio grupo étnico-racial e busca ferramentas de defesa colocando-se no lugar de vítima como relatou Bruna em “(...) *El tipo [homem] empezó a “defenderse”, porque claro, la equivocada era yo*”.

Nessa narrativa Bruna pôde contar com o apoio de algumas mulheres que foram sororas com ela. Confesso que fiquei refletindo sobre essa contenção que Bruna recebeu nessa hora e me lembrava de bell hooks (2017) reflete a sororidade

<sup>14</sup> Comentário meu que substitui o nome “Alicia” no texto original.

como uma ferramenta importante no feminismo e que essa não deveria ser mais um privilégio branco. Ela apresenta duras críticas mostrando que muitas vezes mulheres negras não recebem a mesma atenção, cuidado, solidariedade ou afeto em comparação a mulheres brancas. Infelizmente a empatia, por exemplo, passa pelo filtro das construções de “sujeito” que por sua vez está intimamente ligado a questões étnico-raciais o que no feminismo gera uma sororidade seletiva.

Bruna relata que ela era a única pessoa negra naquele transporte e por tanto não poderia contar com a “sororidade negra” proposta por bell hooks (2017), porém surpreendentemente, digo isso porque infelizmente ações assim não são comuns, mulheres brancas saíram em sua defesa provando que sororidade é também ter ética.

*“Lo rescatable de todo eso? Las pibas [mulheres]. Que alzarán sus voces junto a la mía, que tenían lágrimas en los ojos así como yo, que se preocuparon si yo estaba bien para seguir mi camino y si tenía plata para tomarme otro colectivo (porque tuve que interrumpir mi viaje por un racista de mierda)”*

*“A sororidade é muito mais do que teoria, é algo que podemos demonstrar; ela se materializa em ação, em cuidado, em escuta e em palavras”* (Braz, 2019b). Quando não é seletiva a sororidade é também uma ação antirracista de peso e o feminismo hegemônico deve começar a se responsabilizar e a combater o racismo dentro do movimento para que atitudes sororas possam começar a se multiplicar pela cidade e pelo país.

Bruna relata que o racista queria que ela se levantasse para que ele pudesse se sentar. Uma atitude tão característica dos supremacistas brancos do sul dos Estados Unidos na época mais dura da segregação racial. No seu depoimento ela descreve essa relação de poder que o opressor queria demarcar dizendo:

*“Y todo eso empezó porque el tipo supuestamente quería sentarse en el asiento donde yo estuve sentada por no más de dos minutos. Y claro, nunca lo había solicitado, su acercamiento fue siempre desde su lugar de macho-blanco-dueño-del-espacio, como si aquél lugar fuera de él por derecho (divino?).”*

O opressor de Bruna se sentiu lesado ao ver que ela havia sentado num lugar que ele entendeu que era dele por direito, para ele houve uma invasão ilegal desse espaço. Afinal o acento foi ocupado pela única mulher negra do transporte. Uma mulher negra, pobre e migrante, uma “dessemelhante”. Mas como a própria narradora analisa nesse contexto “(...) nada de eso era por el asiento. No nos dejemos engañar. Toda la situación tiene un fondo racista y xenófobo muy latente en estos tiempos.”

Esses três depoimentos aqui apresentados e analisados serviram para ilustrar o racismo vivenciado cotidianamente por pessoas afro-argentinas, afro-latino-americanas, caribenhas e africanas na capital portenha bem como em todo o país. São práticas racistas naturalizadas tanto na linguagem quanto nas relações, fruto de uma construção história mentirosa que se baseia numa ideia de hegemonia branca na formação étnico-racial nacional na qual nega, como vimos no início desse estudo, a presença, participação e o legado de indígenas e afrodescendentes na história nacional.

## CONCLUSÃO

Neste estudo apresentei parte da minha pesquisa para a tese de mestrado realizada na área da Antropologia Social pela Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Buenos Aires, Argentina, na qual pesquisei sobre a formação e as atitudes políticas de alguns movimentos sociais e organizações afrodescendentes na cidade de Buenos Aires. No entanto, especialmente para esse Dossiê, procurei trazer atualizações recentes e ver se houveram avanços positivos para a comunidade negra, uma vez que meu trabalho investigativo foi finalizado em 2017 e minha tese foi defendida em 2018.

Com o objetivo de incluir mais informações pude uma vez mais conversar com pessoas queridas, referencias da militância no país e saber desde quem sempre estive na “ponta da lança” se conseguiram mais aportes positivos e quais dificuldades apareceram pelo caminho quase três anos depois da conclusão da minha. Foi realmente gratificante ouvi-los/as.

Não há como narrar a luta dos movimentos sociais afrodescendentes em Buenos Aires sem antes conhecer os processos históricos que invisibilizaram esse grupo nos registros oficiais sobre as porcentagens populacionais e sem analisar e confrontar a versão histórica narrada desde uma perspectiva branca colonizadora sobre a formação étnico-racial e a participação dos afro-argentinos na conformação do país.

Desde os primeiros movimentos sociais e organizações afrodescendentes surgidas nos anos 1990, incansavelmente estão promovendo formas de encerrar com a reprodução e manutenção esses discursos mentirosos sobre a presença e a participação da comunidade negra na história e no legado cultural, social e econômico do país não só na capital portenha, mas em todo país.

A Conferência de Durban em 2001 foi um marco importante para a militância na Argentina, houve um cenário político favorável no qual a militância soube aproveitar muito bem, não apenas na Argentina, mas em toda América Latina. E esse ambiente mais aberto ao debate possibilitou aos movimentos sociais afrodescendentes novas alianças nacionais e transnacionais e dessa forma puderam visibilizar a problemática negra para instâncias internacionais o que com certeza contribuiu para pressionar o Estado ao acesso de políticas públicas para o grupo, especialmente o retorno ao censo.

A criação da Área de Gênero dessa mesma Comissão também foi algo muito importante, uma vez que as mulheres negras sentiram a necessidade de armar seu espaço sem se desvincular da luta étnico-racial, mas ao mesmo tempo, dando maior atenção a questões ligadas ao gênero. Dentro de uma visão da luta interseccional (Akotirene, 2019) as mulheres negras começaram a participar do movimento feminista e apresentaram nessa outra arena de disputa por políticas públicas suas pautas e convocaram o movimento feminista hegemônico argentino para uma luta antirracista e decolonialista.

Dessa forma, percebendo o debate interseccional proposto pelas mulheres negras, pessoas negras da comunidade LGBTQ+ encontraram nessa vertente



feminista, fora da curva, apoio para discutir suas problemáticas ignoradas dentro do movimento negro, do movimento LGBTQ+ e do feminismo hegemônico.

Por último, me pareceu relevante apresentar depoimentos sobre as práticas racistas naturalizadas na capital como em outras partes do país nas quais pessoas negras têm seus corpos invadidos em qualquer lugar e a qualquer hora do dia ou noite sem a menor cerimônia. São depoimentos crus narrados em primeira pessoa que demonstram o nível de violência que pessoas negras podem sofrer no território. Nesses depoimentos vimos como que pessoas negras são vistas e percebidas através do “filtro” racista da “dessemelhança” e da “outridade” apresentados por Kilomba (2019) e também como sujeitos “exóticos”.

Ainda que o movimento negro tenha em pouco tempo conquistado políticas públicas relevantes e tenha conseguido avançar em aspectos institucionais, eu acredito que falta muito ainda para avançar em aspectos sócio-histórico, sócio-cultural e sócio-econômico. Há que se trabalhar muito ainda nas escolas, universidades e nos meios de comunicação o tema afrodescendente.

Concluo esse estudo com as mesmas expectativas de três anos atrás ao finalizar minha tese, porém com esperanças de que ainda no marco do Decênio dos Afrodescendentes possa se concretizar o projeto da criação do Instituto Nacional de Assuntos Afro-argentinos, Afrodescendentes e Africanos- INAFRO. Também esperarei com ansiedade o resultado do próximo censo nacional, que dessa vez terá em todas as pesquisas a pergunta sobre a afrodescendência, o que com certeza mostrará um porcentual bem mais perto da realidade e possibilitará avançar ainda mais no debate sobre políticas públicas reparatórias para a comunidade.

É interessante pensar que esse mesmo censo nacional que um dia já foi usado como instrumento para invisibilizar a população negra é o mesmo que vai servir como instrumento para desmistificar e escancarar toda a mentira criada sobre a ideia da hegemonia branca. Afinal, Argentina sempre foi negra e militante. A população negra em Buenos Aires bem como em todo país resiste, insiste e luta por dias melhores como todos/as os/as irmãos/ãs negros/as dessa Diáspora pulsante presente em todos os países dessa “Pátria Grande” que é nossa América Latina.

## BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Silvio (2019). *"Racismo Estrutural"*. Coleção Feminismos Plurais. Editora: Polén. São Paulo.

ALVAREZ NAZARENO, Carlos (2019). "La consolidación del Movimiento Afroargentino". De las acciones colectivas al movimiento social. Tese de licenciatura defendida em 20/12/2019 na Universidad Nacional de San Martín, Buenos Aires, Argentina.

\_\_\_\_\_ (2012) "El movimiento afro en la Argentina en el año del Bicentenario". En: Pineau, Marisa (Ed.) *"Huellas y legados de la esclavitud en las Américas"*. Proyecto Unesco La Ruta del Esclavo. EDUNTREF, Buenos Aires.

ANDREWS, George Reid, (1989). *Los afroargentinos de Buenos Aires*. Ediciones de la Flor, Buenos Aires.

ANNECCHIARICO, Milena (2016) *Senderos de la diáspora africana en Argentina y en Cuba Prácticas y políticas culturales en contexto*. Tesis doctoral, Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires. Buenos Aires, Argentina.

\_\_\_\_\_ (2014) "Afrodescendientes en la Argentina: enigmas, cegueras y mitos nacionales." En: *Ciencia Hoy*, Volumen 24, Nº 141, octubre-noviembre. Disponible en: <http://cienciahoy.org.ar/2014/10/afrodescendientes-en-la-argentina-enigmas-cegueras-y-mitos-nacionales/>

ANNECCHIARICO, Milena, BRAZ, Denise, GAYLES, Prisca and GHOGOMU, Diane (2016) *"Argentina is black, too. Reimagining the makings of a nation"* In: Sounds and Colours Argentina, Año: 2016; p. 135 – 142.

ANNECCHIARICO, Milena y MARTIN Alicia (editoras) (2012). *Afropolíticas en América del Sur y el Caribe*, Ediciones Puentes del Sur, Buenos Aires.

AKOTIRENE, Carla (2019). *"Interseccionalidade"*. Coleção Feminismos Plurais. Editora: Polén. São Paulo.

AVENA, S. et al. (2006). *"Mezcla génica en una muestra poblacional de la ciudad de Buenos Aires"*. En: *Revista Medicina*. Volumen 66 Nº 2, Buenos Aires mar./abr.

BERTH, Joice (2019). *"Empoderamento"*. Coleção Feminismos Plurais. Editora: Polén. São Paulo, SP

BINAYÁN CARMONA, Narciso (2001) *"La presencia del negro en la Argentina"* En: Picotti, Dina (ed) (2001). *El negro en la Argentina. Presencia y negación*. Editores de América Latina, Buenos Aires. pp. 365-373.

BRAZ, Denise (2019). *"Los negros también llegaron en los barcos: Argentina también es afro"*. Revista Humanidades & Educación de la Universidad Federal de Maranhão, Brasil, Noviembre de 2019. Disponible en: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/humanidadeseducacao/article/view/12811>

BRAZ, Denise (2019b) *"Sororidad es ética y autocuidado también es militancia"* in *Revista Amazonas*, Agosto 2019. Disponible en: <https://www.revistaamazonas.com/2019/08/06/sororidad-es-etica-y-autocuidado-tambien-es-militancia/>

\_\_\_\_\_ (2018) "ONDE ESTÃO OS NEGROS NA ARGENTINA?" **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S.l.], v. 10, p. 363-374, jan. 2018. ISSN 2177-2770. Disponible: <http://abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/544>

\_\_\_\_\_ (2017) *"Los movimientos sociales afrodescendientes de la ciudad de Buenos Aires: Prácticas y reivindicaciones"*. Tese de maestrado, defendida em 01/06/2018, na Facultad de Filosofías y Letras de la Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires-Argentina.

BRAZ, Denise e STAMATO, Bruna (2018). "Sobre o Encontro de Mulheres Negras do Cone Sul na Argentina" Revista Geledés: Instituto da Mulher Negra, Fevereiro, 2018. Disponible en: <https://www.geledes.org.br/sobre-o-encontro-de-mulheres-negras-do-cone-sul-na-argentina/>

BRAZ, Denise e GONZÁLEZ BATISTA, Lisset (2020). "Cuando el color no basta: etnicidad nacional y afrofeminismos en Buenos Aires". Revista Humanidades & Educación de la Universidad Federal de Maranhão, Brasil. Imperatriz (MA), v. 2, n. 2, p. 85-97, jan./jun. 2020 ISSN 2675-005. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/humanidadeseducacao/article/view/14208>

CASTELLS, Manuel (2000). "O poder da identidade". Rio de Janeiro, Paz e Terra.

CEFAI, Daniel. (2001) "¿Que es la etnografía? Debates contemporáneos"

CENSO Argentino (2010). *Contabilidad de los afrodescendientes argentinos*, 2010. Disponible en: [http://www.censo2010.indec.gov.ar/index\\_afro.asp](http://www.censo2010.indec.gov.ar/index_afro.asp)

CHAMOSA, Oscar (2012) "En la Argentina el discurso de la nacionalidad siempre se basó en el mito de nación blanca". Disponible: <https://www.stormfront.org/forum/t930155/>

COLLINS, Patricia Hill (2019). "Pensamento Feminista Negro". Editora: Boitempo. São Paulo.

CRENSHAW, Kimberle (2018). "Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics". University of Chicago Legal Forum (1989), p. 139-167, 1989.

DAVIS, Angela (2016). *Mulher, raça e classe*. Traducción Heci Regina Candiani, Editora Boitempo, São Paulo, (1981).

DE SOUSA SANTOS, Boaventura (1998) "Modernidad, Identidad y Cultura" En: *De la mano de Alicia, lo Social y lo Político en la posmodernidad*, Bogotá, Uniandes. Pp. 161-181.

FANON, Franz (2011) *Piel negra, máscara blanca*. Ed. Caminos, La Habana. (1958)

FOUCAULT, Michel (1992) *Genealogía del racismo*. Altamira, Buenos Aires.

FREIRE, Paulo (1994) *Pedagogia do Oprimido*. 23ª edição. Editora Paz e Terra. São Paulo- SP

FRIGERIO, Alejandro (2008) "De la desaparición de los negros a la reaparición de los afrodescendientes: comprendiendo las políticas de las identidades negras, las clasificaciones raciales y de su estudio en Argentina." En: *Los estudios afroamericanos y africanos en America Latina: herencia, presencia y visiones del otro*. UNC-CLACSO.

\_\_\_\_\_ (2006) "Negros y Blancos en Buenos Aires. Repensando nuestras categorías raciales. En: Maronese, L. (comp.) *Buenos Aires Negra. Identidad y cultura*. Comisión para la Preservación del Patrimonio Histórico- Cultura de la ciudad de Buenos Aires. Pp.77-98.

FRIGERIO, Alejandro; LAMBORGHINI, Eva (2011). "(De) mostrando cultura: Estrategias Políticas y culturales de visibilización y reivindicación en el Movimiento afroargentino." En: *Boletín Americanista*, año LXI.2, nº 63, Barcelona. Pp. 101-120.

\_\_\_\_\_ (2010). "Quebrando la invisibilidad: Una evaluación de los avances y las limitaciones del activismo negro en Argentina". En: *El Otro Derecho*. Bogotá. Pp. 139- 166.

GELER, Lea (2010). *Andares negros, caminos blancos. Afroporteños, Estado y Nación. Argentina a fines del siglo XIX*. Prohistoria Ediciones, Rosario.

- GOLDBERG, Marta (1976). "La Población Negra y Mulata de la ciudad de Buenos Aires: 1810-1840". En *Desarrollo Economico*, Nº 16. Pp. 75-99.
- GOMES, Miriam (2009) "Las comunidades negras en la Argentina estrategias de inserción y mecanismos de invisibilización" En: MAFFIA, M. y LECHINI, G. Comp.: *Afroargentinos hoy: Invisibilización, identidad y Movilización social*. IRI-UNLP.
- \_\_\_\_\_ (2011) "La diáspora africana en la Argentina". En: Pineau, Marisa Ed.: *La Ruta del Esclavo en el Río de la Plata. Aportes para el diálogo intercultural*, UNESCO, Buenos Aires: UNTREF, pp. 431-438
- HALL, Stuart (1991). "Lo local y lo global: globalización y etnicidad" Em: *www.cholonautas.edu.pe / Biblioteca Virtual de Ciencias Sociales*.
- \_\_\_\_\_ (1996) "Identidade Cultural e Diáspora". En: *Revista do Patrimônio* (24).Pp. 68-75
- \_\_\_\_\_ (2006). "A identidade cultural na pós-modernidade". Hall; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro-11. ed. -Rio de Janeiro: DP&A.
- HOOKS, Bell (2019) "*Olhares negros: raça e representação*". Trad. Stephanie Borges. Editora: Elefante. São Paulo, SP.
- \_\_\_\_\_ (2019b) "*Pensar como feminista, pensar como negra*". Trad. Catia Bocaiuva Maringolo. Editora: Elefante. São Paulo, SP.
- \_\_\_\_\_ (2017) "El feminismo es para todo el mundo". Trad. Beatriz Esteban Agustí, Lina Tatiana Lozano Ruiz, Mayra Sofía Moreno, Maira Puertas Romo, Sara Vega González. Edição: Traficantes de Sueños, Madrid, Espanha.
- KILOMBA, Grada (2019). "Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano". Tradução: Jess Oliveira. – 1ª Ed. – Rio de Janeiro: Editora Cobogó.
- LANDER, Edgardo (2000) *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas Latinoamericanas*. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Buenos Aires.
- LECHINI, Gladys (2009) *África en América Latina: Herencia, presencia y visiones del otro*. En: Maffia y Lechini (Org). *Afroargentinos hoy: Invisibilización, identidad y Movilización social*. IRI-UNLP-CONICET
- LEY: 26.852 "Día 8 de noviembre día nacional de los/as afroargentinos/as y de la cultura afro" Sancionada: Abril 24 de 2013 y Promulgada: Mayo 20 de 2013
- LÓPEZ, Laura (2004) "Dimensiones políticas del censo de afrodescendientes en Argentina." En: *VII Congreso Argentino de Antropología*, 2004, Córdoba.
- \_\_\_\_\_ (2005) "*¿Hay alguna persona en este hogar que sea a r descendiente?*" *Negociaciones y disputas políticas alrededor de las clasificaciones étnicas en Argentina*. Tesis de Maestría. Universidad Federal Del Rio Grande del Sur. Instituto de Filosofía y Ciencias Humanas. Porto Alegre.
- \_\_\_\_\_ (2006) "*De transnacionalización y censos. Los afrodescendientes en Argentina*". *Revista de Antropología Iberoamericana*, Ed. Electrónica. Vol 1. Num. 2. Marzo-Julio 2006. Pp. 265-286. Madrid, España.
- LORDE, Audre (1984). "Age, race, class and sex: women redefining difference". In *Sister outsider: Essays and speeches*. Freedom, CA. Press, pp 114-123.
- MAFFIA, Marta y LECHINI, Gladys (Org.) (2009) "*Afroargentinos hoy: Invisibilización, identidad y Movilización social*". IRI-UNLP-CONICET.
- MARTIN, Alicia (1996). "Blanquear Buenos Aires". *Revista Relaciones* 144: 7-8, Montevideo.

MOREIRA, Adilson (2019). *"Racismo Recreativo"*. Coleção Feminismos Plurais/ coordenação de Djamila Ribeiro. Editora: Sueli Carneiro; Polén. São Paulo, SP

NGOZI ADICHIE, Chimamanda (2019). *"O perigo de uma história única"*. Editora: Companhia das Letras, São Paulo, SP.

OCORO LOANGO, Anny (2015) *"Los afrodescendientes en Argentina: la irrupción de un nuevo actor en la agenda política y educativa del país."* Revista Colombiana de Educación, Nro. 69. <http://www.researchgate.com>. ISSN 0120-3916. Visitado: 15/04/2020

PICCONI, María Lina (2015). *"Procesos de reemergencia de colectivos afrodescendientes en la ciudad de Córdoba a comienzos del siglo XXI"*. Tesis de Maestría en Antropología Social, Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires, mimeo.

PICOTTI, Dina (Ed) (2001). *El negro en la Argentina. Presencia y negación*. Editores de América Latina, Buenos Aires.

PINEAU, Marisa (2009) *"La importancia de una política cultural y educativa para el reconocimiento de la identidad afroargentina como sujeto histórico. Algunas consideraciones desde la experiencia universitaria."* En: Maffia, M. y Lechini, G. (Org). *Afroargentinos hoy: Invisibilización, identidad y Movilización social*. IRI-UNL-P-CONICET

PITA, Federico (2012) *"Ser afrodescendiente en la Argentina: construyendo una comunidad fuerte"*. En: Milena Anecchiarico y Alicia Martin (Org.). *Afropolíticas en América Latina y el Caribe*. Buenos Aires, Puentes del Sur. Pp. 99-119.

RIBEIRO, Djamila (2017). *"O que é lugar de fala?"* Belo Horizonte (MG). Editora: Letramento; Justificando.

\_\_\_\_\_ (2018). *"Quem tem medo do feminismo negro?"* São Paulo (SP). Editora Companhia das Letras.

SOUZA, Neuza Santos (1983). *"Tornar-se negro"*. Editora: Graal. Rio de Janeiro, RJ.

SPIVAK, Gayatri Chakravotry (2014). *"Pode o subalterno falar?"* Belo Horizonte (MG). Editora: UFMG

TRUTH, Sojourner (2014). *"Acaso não sou uma mulher?" Texto original: "Ain't I a Woman?"* (1851) Tradução: Os mundo Pinho Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (Cachoeira)/University of Texas (Austin). Disponível em: <https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/>

WINDUS, Astrid (2003) *El afroporteño en la historia argentina: algunas consideraciones críticas*. Universidad Nacional de la Plata. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación/FAHCE. N° 28-29. Pp. 9-41.